

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
BACHARELADO EM GEOGRAFIA**

RAPHAEL DE OLIVEIRA OLIVEIRA

**A EVOLUÇÃO DA FAMÍLIA: DO PATRIARCADO ATÉ A IGUALIZAÇÃO DOS
DIREITOS. PASSANDO POR SUA MAJESTADE O BEBÊ E FINALIZANDO NO MAL
ESTAR CONTEMPORÂNEO.**

Campos dos Goytacazes - RJ
2018

RAPHAEL DE OLIVEIRA OLIVEIRA

A EVOLUÇÃO DA FAMÍLIA: DO PATRIARCADO ATÉ A IGUALIZAÇÃO DOS DIREITOS. PASSANDO POR SUA MAJESTADE O BEBÊ E FINALIZANDO NO MAL ESTAR CONTEMPORÂNEO.

Trabalho de conclusão de curso, em cumprimento parcial às exigências do Curso de Bacharelado em Geografia, da Universidade Federal Fluminense – Campos dos Goytacazes, para obtenção do diploma de graduação em Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Henrique Reis.

Campos dos Goytacazes - RJ
2018

RAPHAEL DE OLIVEIRA OLIVEIRA

A EVOLUÇÃO DA FAMÍLIA: DO PATRIARCADO ATÉ A IGUALIZAÇÃO DOS DIREITOS. PASSANDO POR SUA MAJESTADE O BEBÊ E FINALIZANDO NO MAL ESTAR CONTEMPORÂNEO.

Trabalho de conclusão de curso, em cumprimento parcial às exigências do Curso de Bacharelado em Geografia, da Universidade Federal Fluminense – Campos dos Goytacazes, para obtenção do diploma de graduação em Bacharel em Geografia.

Aprovado em ___ de dezembro de 2018.
BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cláudio Henrique Reis
UFF – Universidade Federal Fluminense

Prof. Me. Diogo Jordão Silva
UFF – Universidade Federal Fluminense

Me. Anadelson Martins Virtuoso
UFF – Universidade federal Fluminense

Agradecimentos

À Deus, por me permitir em sua infinita misericórdia, a possibilidade de respirar, pensar, amar, viver nesse plano de provas e expiações. Sob uma proposta de carinho e bondade para com o meu semelhante.

A minha religião que me amparou em momentos de tristeza, desespero e fraqueza. Que me ergueu quando mais necessitei e me fez sorrir diante das dificuldades.

Ao meu orientador, Prof. Cláudio Henrique Reis, pela cordialidade, amizade e principalmente paciência a mim ofertada durante minha estadia junto à Universidade Federal Fluminense.

Aos amigos e colegas de graduação com quem pude trocar questões referentes ao meu trabalho e oportunidades ímpares de felicidade e aprendizado, Juliana Duarte, Jonas Filho, Cândida Mattos, Layla Sardinha, Thamires Maria, Caroline Moura.

À Stéphanie Klotz que esteve ao meu lado e se mostrou mais do que uma colega, uma amiga, alguém que posso chamar de família.

Ao Leandro por me amar um dia de cada vez e me proporcionar o bem do amor.

Aos meus sobrinhos, Gabriel e João Victor, minha fonte de energia e felicidades.

Aos meus pais, Murilo Santos de Oliveira (em memória) e Mari Lúcia de Oliveira Oliveira, por TUDO.

Muito obrigado a todos!

Que todas as crenças religiosas sejam respeitadas e até mesmo
a não crença religiosa
Que possamos comungar na crença da humanidade e da
diversidade, do bem comum
Que seja declarada justa toda forma de amor
Que nenhuma mulher seja alvo do machismo estrutural
Que a juventude negra não seja alvo do extermínio
Que Marias Eduardas não sejam assassinadas dentro da escola
Que Marquinhos da Maré não sejam assassinados indo para a
escola
Que Marielles possam chegar em segurança nas suas próprias
casas
Que todo agricultor tenha uma terra para plantar
Que todo sem teto tenha uma casa para morar
Que os indígenas sejam respeitados nas suas crenças
Que as fronteiras acabem e as armas caiam no chão
Que a felicidade venha sobre nós, respeitando toda a dor e
consolando toda a lágrima
Porque felicidade de verdade só é possível sob a benção da
comunhão
Amém
Axé
E o que de mais universal existe
Amor.

Oração da Felicidade
(Pastor Henrique Vieira, 2018)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Mudanças No Padrão De Organização Das Famílias	11
1.2 Família Pré-Moderna	13
1.3 Família Moderna	15
1.3.1 Sua majestade, o bebê.....	16
1.3.2 As adversidades das mães modernas	17
1.4 Famílias Contemporâneas	18
2 O MAL ESTAR CONTEMPORÂNEO	21
2.1 Do Novo Arranjo: Novos Pais, Novos Filhos	21
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
4 REFERÊNCIAS	24

RESUMO

O estudo apresenta a evolução do conceito de família na contemporaneidade considerando as novas estruturas familiares sugerindo reflexões acerca dos valores que norteiam esses novos arranjos. Observando a defasagem entre o sistema jurídico e as mudanças sociais, a provocação em vista disso gira em torno da compreensão do elemento identificador da família, seja pelo casamento, pelos laços de afeto e de amor, pela assistência e pelos projetos de vida. É incontestável a realidade dessas novas famílias na atualidade assim como a tensão criada a partir do embate entre a moral social, moral religiosa e moral afetiva, dentro dessa discussão sobre o ideal de relacionamento, tendo o contexto da família como palco. Distante do seu fim, a família hoje reafirma sua vitalidade por meio da pluralidade de arranjos, assim como na preservação de sua importância.

Palavras chave: Contemporaneidade, família, arranjos; diversidade.

ABSTRACT

The study presents the evolution of the family concept in the contemporary world considering the new family structures suggesting reflections about the values that guide these new arrangements. Observing the discrepancy between the legal system and social changes, the provocation in this regard revolves around the understanding of the identifying element of the family, be it through marriage, bonds of affection and love, assistance and life projects. The reality of these new families today is undeniable, as is the tension created by the clash between social morality, religious morality and affective morality, within this discussion of the ideal of relationship, with the context of the family as the stage. Far from its end, the family today reaffirms its vitality through the plurality of arrangements as well as the preservation of its importance.

Keywords: Contemporaneity, family, arrangements; diversity.

1 - INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é abordar a evolução dos antigos e definição dos novos arranjos familiares na atualidade e, mais profundamente as famílias refeitas a partir do surgimento do mal estar contemporâneo e suas consequências dentro dessas novas uniões. As profundas mudanças na condição das mulheres que subvertem o histórico padrão de dependência familiar feminino foi o ponto de partida a analisar a diversidade de formas familiares, , investigando variações no ritmo das mudanças para mulheres.

Discutir família ou arranjo familiar ou modelo é histórico. Tal discussão é realizada de forma intensa e incessante junto a sociedade, seja em qualquer época. Trabalhava-se com a comoção social relativa a época, diferentemente dos dias atuais onde tal debate se faz de forma global e rápida. Será que poderíamos afirmar que existe algum modelo dominante? Quais são as referências? Pai, mãe e filhos? Na verdade existe um debate social sobre essa nova configuração. Os novos arranjos não são problema, o seu objeto de estudo que virá como consequência desse convívio com esses novos arranjos, que é o ponto a ser analisado.

Sabe-se que a família possui uma diversidade de formas, conceitos e também de significados. Com base nesta afirmação, buscar-se-á fazer uma breve análise do termo "família". Engels, Sierra (2011, p. 25) nos informa que esse termo surgiu da palavra *famulus* significando "escravo doméstico", sendo considerado na época dos romanos um "conjunto de escravos pertencentes a um mesmo homem." Para Prado (1981, p. 7) "família são pessoas aparentadas que vivem em geral na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos. Ou ainda pessoas de mesmo sangue, ascendência, linhagem, estirpe ou admitidos por adoção."

O que se deve ter em mente é que hoje, mesmo essa palavra ganhando novos significados e valores, é importante compreender esse termo como algo maior que um conjunto de pessoas. Nesse sentido o IBGE entende a palavra família como:

conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência, residente na mesma unidade domiciliar, ou pessoa que mora só em uma unidade domiciliar. Entende-se por dependência doméstica a relação estabelecida entre a pessoa de referência e os empregados domésticos e agregados da

família, e por normas de convivência as regras estabelecidas para o convívio de pessoas que moram juntas, sem estarem ligadas por laços de parentesco ou dependência doméstica. Consideram-se como famílias conviventes as constituídas de, no mínimo, duas pessoas cada uma, que residam na mesma unidade domiciliar, domicílio particular ou unidade de habitação em domicílio coletivo (PNAD 1992, 1993, 1995, 1996, p. 31).

Outra autora que traz luz a esse debate é Mito (1997, p.120) quando define família como "núcleo de pessoas que convivem em *determinado* lugar, durante um lapso de tempo mais ou menos longo e se acham unidas (ou não) por laços consanguíneos."

Discutiremos a evolução da família a partir de sua transformação em ordem de escalas temporais, isto é, em 3 tempos: família pré-moderna (séc. XVI ao séc. XVIII), família moderna (séc. XVIII à 1960) e família contemporânea (1960/1970 aos presentes dias). Uma viagem com início na família patriarcal, passando por sua majestade o Bebê e finalizando nos problemas oriundos de uma maternagem problemática. Observando como as mudanças econômicas, políticas e sociais podem interferir na constituição e reconstituição de novos arranjos.

É fato que essa palavra consiste em uma infinidade de conceitos e opiniões, e não é objetivo desta obra julgar qual seria o conceito correto de família. Pretende-se somente conhecê-los na tentativa de não julgar tão diversificadas as estruturas familiares. Não importa de qual tipo familiar se faça parte, ela é o lugar onde todos os integrantes têm direito a igualdade e proteção social (SIERRA, 2011). Neste aspecto Samara (1995) oferece complemento dividindo os papéis familiares em socialização, identificação social, reprodução e funções econômicas.

Acrescentando, família é o conjunto de pessoas que se relacionam entre si, podendo apresentar uma diversidade de modelos familiares, e na maioria das vezes, residem em um mesmo lar, todos tem direito a pertencer a algum tipo familiar sem distinção. Recapitulando "família é gente com quem se conta" (ONU, 1993 s/p), é aquela em quem se pode confiar e contar nas horas boas e más.

O objetivo deste estudo não é, evidentemente, tratar do olhar que a sociedade lança sobre as novas estruturas familiares, especialmente porque os paradigmas, as reivindicações, os discursos e o próprio grau de tolerância da sociedade se alteram em cada época. Sem falar que o presente estudo favorece uma revisão sobre as narrativas sociológicas que supuseram processos

lineares de mudança nas famílias O importante é não somente sugerir momentos de reflexão sobre as novas estruturas familiares. No caso da literatura brasileira, contribuí para a revisão das perspectivas polarizadas que opuseram concepções sobre o grau de autonomia feminina e de transformação nas relações familiares entre classes, visível na oposição entre perspectivas holista e individualista (DURHAN, 1986).

O texto pretende discutir algumas dessas mudanças nos arranjos familiares. Para tal, iniciaremos com as mudanças nos padrões de organização a partir da pesquisa documental em livros, revistas e publicações. Logo depois dividiremos o estudo das famílias em três partes: família pré-moderna, família moderna e família contemporânea. Finalizando abordaremos algumas consequências da contemporaneidade sobre esses novos arranjos.

1.1 Mudanças No Padrão De Organização Das Famílias

É de vital importância para as políticas públicas, todas as transformações que as famílias viveram, sejam elas em termos de estrutura, função social e significado. Partindo desta premissa, as estatísticas pertinentes sobre as estruturas familiares, os padrões de suporte e sua dinâmica são decisivas para que investigadores e planejadores de políticas compreendam as mudanças e os impactos destas mudanças no cotidiano dos indivíduos e das famílias. A redução do tamanho da família foi a mudança mais expressiva em função da queda da fecundidade a partir dos anos 80, em geral essa redução está associada à fatores como urbanização, participação crescente das mulheres no mercado de trabalho e disseminação de métodos contraceptivos. O aumento na busca pela informação, por parte feminina, tendência observada nos últimos anos, também guarda estreita relação com as taxas de fecundidade: quanto maior o esclarecimento feminino, menor o número de filhos.

Enquanto a reprodução permaneceu como um fenômeno natural, sem dúvida, as mulheres estavam efetivamente destinadas à exploração social. De qualquer modo, elas não eram donas de uma grande parte de suas vidas. [...] A anticoncepção, inventada como uma técnica racional somente no século dezenove, constituiu-se assim numa inovação de importância histórica mundial. Só agora está começando a mostrar as imensas consequências que pode ter, na forma de pílulas. Pois o que ela significa é que afinal o modo de reprodução podia potencialmente ser transformado. Uma vez tornada a gravidez algo totalmente voluntário (até que ponto é assim no Ocidente, mesmo hoje?) sua significação é fundamentalmente diferente. Já não

precisa ser a única ou a última vocação da mulher; torna-se uma opção entre outras (MITCHELL, 2006, p. 212-213).

A mudança nas relações de gênero, também é um aspecto a ser mencionado nos padrões de relacionamento entre homens e mulheres tanto na esfera pública como na privada. O casamento deixou de ser central na vida das mulheres, pelo contrário, aumentaram os registros de divórcio segundo os dados do IBGE, isto é, a nupcialidade fica para depois e o divórcio é uma opção fortíssima caso os desejos não seja atendidos

Em contrapartida, as famílias reconstituídas estão cada vez mais presentes em função do aumento das taxas de divórcios e separações, sem mencionar as uniões consensuais, aquelas sem registro civil em cartório (BRASIL, 2010, p. 142).

Fruto da contemporaneidade, as uniões entre homossexuais, já desfruta de reconhecimento legal. No caso do Brasil, a partir de 05/2011, O STF (Supremo Tribunal Federal) reconheceu a união estável para casais do mesmo sexo (relação ou união homoafetiva) O Censo demográfico de 2010, apontou a existência de cerca de 60 mil pessoas que se declararam cônjuges do mesmo sexo da pessoa responsável.

Outra observação se faz presente, ou seja, um aumento da mobilidade espacial permitindo que casados possam viver em casas diferentes. A escolha em preservar sua independência, assim como a instabilidade das uniões e as expectativas de vida mais longas, tem incentivado novas formas de gerir parcerias, como a de viver conjugalmente, mas em domicílios diferentes, compartilhando várias partes da vida conjugal.

Uma ferramenta bem útil na busca por informações sobre as famílias, a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio) fornece dados que permitem fazer apenas uma tipologia muito geral do padrão de organização das famílias, entretanto ela falha quando precisamos diferenciar casamentos de recasamentos. A redução da proporção das famílias constituídas por casal sem filho ocorre em função da queda da fecundidade, do envelhecimento da população (casais mais velhos com filhos adultos), adiamento da decisão de ter filhos por parte das mulheres que preferem se consolidar no mercado de trabalho antes da maternidade, ou mesmo pelos casais que decidem não ter filhos. Famílias monoparentais femininas - onde a mulher é a pessoa de referência da família e vivem com filhos sem a presença de cônjuge, também apresentam

tendência constante de crescimento. Segundo o Censo 2010, cerca de 7 milhões de ou 12,2% dos domicílios possui apenas um morador. Essas mudanças são fruto de um conjunto de fatores entre os quais os mais relevantes são o aumento da esperança de vida, principalmente para as mulheres; o crescimento das separações conjugais; e o intenso processo de urbanização que proporciona alternativas mais propícias a este tipo de arranjo.

Não podemos esquecer do fenômeno das pessoas que vivem sozinhas vem se mostrando cada vez mais presente na sociedade brasileira. Por mais impactante que seja a frase, está longe de ser considerada exagero. Tanto em países em desenvolvimento como em países ricos - maior tendência, um exemplo é o Canadá, onde segundo o Censo /2016, 28,2% das moradias tinham só um morador - mais e mais pessoas, de todas as faixas para ser claro, tem optado por viver só. As origens dessa mudança se fazem presentes no estado de bem estar social, na emancipação feminina, na tecnologia, na urbanização, nas mudanças de costumes e principalmente, na independência e longevidade. Provocando alterações na organização da sociedade e mudanças em certos procedimentos econômicos e também políticos (STATCAN, 2016).

No caso do Brasil, a faixa etária que mais passou a viver solitária nos últimos anos, foi a de pessoas acima de 50 anos. Segundo o IBGE, em 2015 eram 63,7 das pessoas dessa faixa moravam sozinhas. O fator que explica isso é o aumento da expectativa de vida no Brasil, oriundo da independência e estabilidade financeira por parte dos idosos. As gerações mais novas, entre 20 e 25 anos, ainda preferem morar com os pais, uma vez que acreditam possuir maior possibilidade de ingressar no ensino superior, atrasando a entrada no mercado de trabalho, além de adiar o matrimônio.

1.2 Família Pré-Moderna

A origem da família se dá no momento em que pessoas começam a viver em pares, como sendo um agrupamento informal determinando que essas pessoas são ligadas a partir do vínculos afetivos existentes. Entretanto no início das civilizações somente eram reconhecidas, quando determinadas sobre bases do casamento, que era feito pela sociedade ou pela religião. A família era estruturada sob uma construção cultural onde cada uma dessas pessoas possuía uma função dentro dessa estrutura. Segundo Maria Berenice Dias (2011, pag. 27), ao abordar sobre a questão do intervencionismo estatal produzido pela instituição do próprio casamento, ela afirma:

O intervencionismo estatal levou a instituição do casamento: convenção social para organizar os vínculos interpessoais. A própria organização da sociedade se dá em torno da estrutura familiar (DIAS, 2011, p. 27).

O casamento era tido como regra de conduta, pois foi uma maneira de impor limites ao homem, ser julgado que na busca do prazer, tende a fazer do outro um objeto. O Estado começa a intervir nas relações, pois a organização da sociedade é feita com base na estrutura familiar. Para o desenvolvimento das civilizações se impõem restrições a total liberdade. O casamento era tido como aceitação social e jurídica, o primeiro aspecto de família era aquele consubstanciado sobre o aspecto patriarcal e hierarquizado.

Patriarcalismo e hierarquia são características da família pré-moderna. Além de se conceituar com transformação na ordem de escala, problemática na ordem de família e uma transformação dos personagens que vão compor esse decor familiar. A natureza da família pré-moderna se dá na extensão da família (muitos filhos, várias gerações coabitando no mesmo espaço) no poder do pai que era absoluto (família patriarcal) e na mãe que era tida como figura reprodutora.

Sob um espaço religioso (soberania de Deus), um espaço político (soberania do Rei) e por ultimo, um espaço família (soberania do Pai) a família pré-moderna estava evidenciada, no sentido stricto do termo, ou seja, o modelo do patriarcado. Segundo o historiador Thomas W. Laqueur (1992) em *A fabricação dos sexos*, existia uma teoria: a teoria do sexo único. O pai possuía valor antológico sobre a mulher, homem e mulher vinham de um único sexo, o home era superior a mulher, a mulher poderia se transformar num homem, entretanto um homem não poderia se transformar numa mulher, falando em papeis ativos. O homem era tido como ser luminoso, aberto para o Sol, enquanto a mãe como figura cavernosa - tal teoria durou até o final do século XVIII. Sintetizando a família pré-moderna se constituía como de modelo patriarcal, extensa, com muitas pessoas coabitando o mesmo teto, tinha no pai o poder absoluto, a mãe somente como reprodutora, as crianças como adultos miniaturas, e os velhos como guardiões da memória, uma pequena sabedoria.

1.3 Família Moderna

Essa nomenclatura para família surgiu após a revolução francesa (1789-1799). A sociedade mudou a partir do lema da revolução: liberdade, igualdade e fraternidade. Foi neste momento que a então família extensa, patriarcal começou sua mudança. O limite inicial se deu no fim da relação hierárquica entre homem e mulher. A mulher passa a ter um papel dentro da governabilidade privada, mesmo que estivessem fadadas a maternidade, a mulher representa e condensa a figura de mãe.

A teoria da diferença sexual é aceita, a diferença moral entre os sexos, a ratificação dos direitos igualitários. Ao homem coube a governabilidade pública, o trabalho para sustentar a família, já a mulher, a função de gestora do lar e da prole. O idosos perderam sua função de memória viva, foram deixados a marginalidade privada, foram esquecidos dentro do seio familiar.

Toda mudança pela qual a família moderna vivia, foi fruto de uma nova concepção econômico e social da sociedade, ou seja, um novo entendimento sobre aquilo que chamamos de riqueza da nação. No pré modernismo a riqueza das nações era classificada à partir de seus domínios territoriais, sua extensão de terra, seus bens naturais, seus comandos. Com a revolução isso mudou. A riqueza de uma nação passou a ser classificada de agora em diante, pela qualidade de vida de sua população. O que Foucault (1999) explica como população qualificada como fonte de maior riqueza de uma nação. Para isso utilizou os chamados critérios de qualificação: boas condições de saúde e boa educação. Ele acreditava que crianças bem educadas, saudáveis e "felizes" poderiam ser melhores cidadãos, adultos mais esforçados e com propósito social e econômico. Uma nação bem qualificada, com boa saúde e elevada autoestima e pró ativas, ou seja, com uma qualidade de vida, poderiam proporcionar maiores investimentos na nação e com isso um aumento no desenvolvimento da sociedade. A partir disso, o investimento no início da vida se fez primordial, a sociedade entendeu que a progressão social e econômica estava em incentivos na gênese da vida. As crianças passam a ser o futuro, são investimentos vivos.

É neste momento que entra a medicalização social da população. Uma campanha médico social surge para que a população, principalmente as crianças, recebam cuidados, pois o bem estar fisiológico e mental "desse" futuro estava em jogo. Metaforicamente, a criança é a representação do futuro, ou seja, a criança bem educada e saudável condensa a riqueza de uma

nação. A história das idades começa a ser estabelecida a partir do séc. XIX, onde se forja uma metáfora social, isto é, a criança como representação do futuro.

1.3.1 Sua majestade, o bebê

Adjetivadas como futuro de uma nação, as crianças passaram a ter uma função de elevada importância no que tange qualidade de vida dentro da sociedade e por sua vez, a nação. Em uma famosa passagem do ensaio: A introdução ao narcisismo (1914), Sigmund Freud, cita: sua majestade, o bebê. Ele afirma que tanto as leis da natureza como da sociedade serão revogadas para a criança, que novamente será o centro e âmago da criação - deve concretizar os sonhos não realizados pelos seus pais, tornar-se um grande homem ou herói no lugar do pai, desposar um príncipe como tardia compensação para a mãe.

Tal afirmação se deu a partir de uma teoria psicanalítica onde, segundo Freud (1914) toda criança passará por uma fase narcisista. Essa teoria caiu como uma luva naquele momento, pois toda a organização familiar vai girar em torno da criança, uma vez que a mesma será a condensação de toda e qualquer possibilidade de qualificação de uma nação, ou seja, uma nação chamada de rica.

A mãe passa a ter um papel fundamental dentro da governabilidade privada. Ela passa a ser responsável pelo investimento doméstico, torna-se gestora desta governabilidade, passando a ser a mediadora da instituição família, instituição médica e da instituição da escola. Cabe à mãe o gerenciamento da qualidade de vida dos filhos. Com isso a família moderna ganha um novo pseudônimo, isto é, família nuclear burguesa.

Toda a ideologia que nós contemporâneos chamamos de familiarismo é constituída em tono da família nuclear burguesa ao ponto de vista da sua morfologia e da escala, é a diferença da família extensa pois se condensa em torno dos pais e dos filhos. Os pais, sobretudo a mãe, como agentes de investimentos na prole. A figura do velho começa a ganhar um papel melancólico, em virtude da sua improdutividade dentro da família, ocupando um lugar marginal nesse arranjo. Toda a questão da família vai ser a maneira de administrar que essa reprodução biológica possa possibilitar um processo de reprodução social voltado para a qualificação populacional.

De agora em diante a figura da criança passa a ter peso e função no desenvolvimento da nação, com isso novas especialidades médicas foram criadas para viabilizar essa qualificação populacional em torno da figura da criança. Exemplo: ginecologia (para que as mulheres não

possam gerar crianças doentes ou problemáticas, ou seja, uma prole saudável); obstetrícia (partos medicamente controlados, evitando acidentes no ato do nascimento); e pediatria (uma medicina voltada somente para as crianças).

Perfeito. A criança como majestade, como indicador de riqueza civilizatória e populacional, o pai como gestor da governabilidade pública e a mãe como agente de investimento, entretanto quando a mãe se questiona (na verdade se cansa) sobre esse seu papel, ela encontra obstáculos primeiramente dentro da unidade familiar e posteriormente na sociedade, mas mesmo ela luta por mais direitos e dá início a um grande passo na humanidade.

1.3.2 As adversidades das mães modernas

Na família moderna a mulher é definida quase que exclusivamente pelo seu papel de mãe (o que figura o nosso imaginário é: figura cuidadora da prole, repleta de diligência e zelo) entretanto, os desejos femininos não contribuem para esse imaginário, com isso nasce a histeria feminina no séc. XIX. Novas ordens sociais gerando novos problemas individuais.

A construção da figura da mulher "mãe" como figura virtuosa vai se fazer em torno de uma criminalização de tudo aquilo que impeça que a mulher seja transformada na mulher "mãe". Aparecerão três grandes figuras na medicina legal, na psiquiatria do séc. XIX, que vão falar disso: a infanticida (a mulher que mata ou abandona a prole, mulher criminalizada); a ninfomaníaca (mulher que tem um desejo insaciável, é criminalizada com base em ser uma forma de enlouquecimento); e a prostituta (mulher que quer viver do usufruto do prazer, não da maternidade). Nessa perspectiva começa a ser delinear na segunda metade do século XIX, dentro dessa estrutura, a figura da histeria - como uma grande representação de uma perturbação feminina - onde o que vai caracterizar a mulher histérica como entrelaçamento da figura infanticida, ninfomaníaca e prostituta, tudo que a mulher gostaria de ser, mas não tem coragem para fazer. Daí a mulher passa a recusar a condição exclusiva de mãe. A histeria era encarada como rebeldia feminina contra a diferença sexual.

Ainda dentro deste contexto, surge a melancolia/depressão feminina que nada mais é do que a representação da figura de mãe/mulher que perde a batalha contra o espartilho da maternidade, ou seja, uma espécie de histérica derrotada. O grande operador da família contemporânea é o fato da mulher sair do papel/lugar exclusivamente maternal. Desde a década de 1960, a idéia de família vem passando por profundas mudanças, resultado direto de auto

afirmação das mulheres. Elas saíram para o mundo em busca de uma nova identidade que não seja na figura de mãe.

As melhorias nas sanitárias e os avanços no campo da medicina não apenas estenderam o tempo de vida das pessoas, mas permitiram melhores padrões de vida e um novo planejamento diante da vida da mulher. Betty Friedan - líder americana que em 1963 questionou a "mística feminina" presente na imagem de dona de casa feliz e realizada no papel de esposa, que ocultava o mal-estar da negação da individualidade das mulheres - afirmou em sua segunda obra (A segunda etapa, 1981), que o movimento feminista participou de um impulso de afirmação das mulheres como indivíduos, que era parte de transformações mais amplas, inclusive demográficas:

Aconteceu não porque eu ou qualquer outra feiticeira feminista seduziu as felizes donas de casa com nossas palavras, mas por causa da necessidade evolucionária. As mulheres não podiam mais viver uma vida de oitenta anos de duração somente como produtoras de filhos, esposas e mães (FRIEDAN, 1981, p. 31).

A mulher começa a exigir sua participação não só na administração doméstica como também na governabilidade pública, ela quer estudar, quer trabalhar, quer seu livre arbítrio respeitado. Na análise pioneira de Beauvoir (1980, originalmente publicada em 1949), que examinou as razões fisiológicas, psicológicas e econômicas às quais se atribuíram estão a submissão feminina, recusando seja o monismo sexual de Freud, seja no monismo econômico de Engels, a transformação da condição feminina passa por aspectos da produção e da reprodução: "É pela convergência destes dois fatores: participação na produção, libertação da escravidão da reprodução, que se explica a evolução da condição da mulher" (p. 157). Com isso temos o aumento do trabalho feminino e seu assalariamento, visto que diversas formas de trabalhos foram exercidos pelas mulheres ao longo dos séculos.

1.4 Famílias Contemporâneas

O corpo da família é reorganizado a partir do momento que ela sai para disputar com o homem o seu espaço, ou seja, vai rearrumar morfologicamente, trazendo novos problemas e novos personagens que não estavam presentes na família moderna. O casamento passa a ser

encarado como finito - o casamento deixa de ser um contrato marcado pela eternidade. As pessoas se conjugam pelo desejo e se o (a) parceiro (a) alimenta ou não seu projeto existencial. Caso tais desejos ou interesses não sejam atendidos ou realizada essa expectativa, as pessoas simplesmente trocam, com isso temos um aumento das famílias monoparentais- onde somente um dos pais se ocupa com a criação e sustento da criança, o outro pai não existe ou não convive no mesmo espaço. Outra característica importante é quando as pessoas se reconjugalizam (se casam novamente) dando início a novos e diferentes regimes de autoridade - padrasto ou madrasta com ou sem as funções de pais. Uma desorganização da família nuclear burguesa em termos de planos de autoridade fundamental de pai e mãe, durabilidade da conjugabilidade, onde a questão da autoridade causa efeitos biopolíticos importantes, isto é, sociabilidade primária e sociabilidade secundária. Onde entendemos a primária como a formação moral da criança adquirida na família, e a secundária como a formação adquirida na escola.

Com essa reorganização dos sistemas de autoridades e conjugabilidades mais efêmeras (passageiras, temporárias) a família começa a ficar incompleta, o que Birman (2016) chama de handicap: famílias incompletas, quanto as suas funções de socialização primária. A família espera que a escola faça um trabalho de socialização primária com as crianças, que ela mesmo não faz, criando instituições para fazer isso. . Os maternais - crianças que vão cada vez mais cedo para a escola, creche - criando assim um processo de institucionalização da maternagem que antigamente era feita pela família nuclear.

Um novo problema surge, a maternagem problemática - a mãe vai em busca de lugares de expansão existencial (natural) junto aos homens, ocasionando sua ausência dentro de casa, uma vez que os homens não retornam para fazer os trabalhos de casa - afetando a constituição subjetiva das crianças, ou seja, formas de sofrimento caracterizado por uma espécie de desenvolvimento narcísico, isto é, um desenvolvimento negativo da auto estima, gerando crianças mais fragilizadas, adultos mais vulneráveis, uma forma de narcisismo negativo, deixando claro a distância da sua majestade o bebê, de Freud. Por outro lado, assistimos um desdobramento muito importante, a tirania infantil (se alimenta da culpabilidade dos pais por não darem atenção que os filhos acreditam que mereceriam), uma espécie de obrigatoriedade do amor pelos simples ato de gerar a prole.

A mulher contemporânea assumiu uma nova postura na sociedade, com novas possibilidades, maior autonomia, e novas responsabilidades dentro da sociedade, trazendo uma

maior possibilidade, o que acabou transformando os laços familiares e apresentando importantes mudanças na família.

Com a "libertação" da mulher e todas as consequências deste acontecimento, as mudanças nas famílias foram eclodindo ao longo dos anos. Novos arranjos surgiram, novas conjugabilidades, famílias monoparentais, famílias homoafetivas e até mesmo a opção por não ter uma família sob o mesmo teto.

Sintetizando a família contemporânea pode ser sintetizada da seguinte maneira: a saída da mulher para disputa por direitos e governabilidade pública; a dissolução da eternidade do casamento; surgimento de famílias monoparentais; explosão de novos regimes de autoridade; a maternagem problemática; a tirania infantil; e o resgate do idoso por uma posição social.

2 O MAL ESTAR CONTEMPORÂNEO

Em torno do narcisismo negativo, todas as formas de patologia psíquicas na contemporaneidade são consequentes dessa articulação do narcisismo negativo e da maternagem. As formas do mal estar contemporâneo vem por conta dessa articulação. as formas do mal estar contemporâneo são sempre referidas como queixas de ordem do corpo, da ordem de atuação ou da ordem do esvaziamento psíquico. Onde do ponto de vista do corpo assistimos uma grande difusão daquilo que chamamos de síndrome do pânico ou doenças psicossomáticas do ponto de vista da ação, um aumento da violência ou o aumento das patologias compulsivas (compulsão à droga, álcool, comida) que de repente floresceram no espaço contemporâneo e no que tange a despossessão de si, ligadas intensidade à melancolia contemporânea. O lugar que a melancolia passou a ter no lugar das antigas neuroses, ela é um resultado desse desenvolvimento narcísico.

2.1 Do Novo Arranjo: Novos Pais, Novos Filhos

Nós somos uma coleção de outros em nossa subjetividade, uma vez que vivemos em um mundo extraordinariamente fragmentado, num mundo pós moderno com a fragmentação dos saberes. Essa é a maior queixa do homem moderno. A busca pela independência e pelo livre arbítrio de homens e mulheres, possibilita o aumento da qualidade de vida e impulsiona o desenvolvimento econômico e social de uma nação. Entretanto os exageros no campo da proteção dos pais, viabiliza o surgimento de filhos totalmente narcisistas e totalmente despreparados para uma negativa da vida, impossibilitando que esses filhos desenvolvam a tolerância em relação a frustração. A ausência desse fator psicológico desfavorece esses jovens quando forem buscar seu lugar no mercado de trabalho.

Segundo o pediatra e psicanalista Winnicott (1979), os pais deveriam permanecer, isto é, permanecer na vida da criança, idênticos a si mesmo no sentido deles terem alguns ideais, alguma coerência consigo mesmo, para poderem ser lentamente assassinados pelos filhos. A idéia do pai que se deixa superar - um dos maiores problemas hoje, pois quando os pais cumprem sua missão parental, eles tem outras missões a cumprir com a sua própria vida, que é a de ter várias vidas, que é gozar muito, fazer várias opções vocacionais, que é de viver muitas paixões, eles vão

renovando a esperança de que a vida deles seja muito grande, então eles não podem se deixar se matar pelos filhos.

Os novos filhos desejam os pais antigos. Uma fantasia de pais acolhedores, da mãe ninho. Entretanto o olhar materno, o olhar que constitui, dá de si, ou seja, o sujeito constrói uma identidade, ele passa a ser alguém (uma característica da ausência, do narcisismo infantil). O mundo exige que você seja importante e também exige que você goze, que você viva, saia de casa, inicie uma nova etapa.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito além do laço sanguíneo ou morar sob o mesmo teto, família tem se tornado uma união de afetos, cheia de compromissos com o bem estar do outro, não importando se isso é tradicional ou se pode acabar sendo alvo de preconceito. Observamos que o conceito de família sofreu diversas alterações ao longo do tempo. Todas elas paralelas à mudanças sociais e políticas. Iniciamos com a família extensa do patriarcalismo, passamos pela modernidade, onde nos deparamos com a importância da figura e das ações das mulheres, a busca pela liberdade, pela governabilidade pública, impulsionadas pela revolução industrial e a mudança econômica, a luta feminina favoreceu ao surgimento das famílias contemporâneas e com ela, sua diversidade de arranjos, inclusive o reconhecimento das famílias onde o afeto é o pilar de sua constituição, sejam elas compostas por dois homens, duas mulheres ou até mesmo um único adulto. Famílias se formam quando há vontade de duas ou mais pessoas permanecerem juntas. Neste sentido, temos uma revolução nos ditos padrões culturais, sociais e econômicos, favorecendo a difusão da informação. Essas novas configurações familiares já se tornaram naturais e inevitáveis, pois a relação do prazer de estar junto, que se constitui de uma emoção compartilhada, arquitetada no cotidiano, é o que impulsiona esses novos arranjos.

Família e sociedade se retroalimentam dentro desta ordem, um processo dinâmico de mudança e transformação da sociedade. Buscou-se contribuir com um novo pensar sobre os arranjos familiares, pois eles hoje não são formados apenas por pai, mãe e filhos. Atualmente existem agrupamentos das mais variadas formas, ou seja, o assunto não se esgota, até porque ele supõe diferentes análises, mas entende-se que é imprescindível defender que as ações voltadas à família devem ultrapassar a visão limitada de um único modelo de família e que família é família não importa sua formação.

4 REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978/ano 2012.

BEAVOUIR, Simone. **O segundo sexo**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2016.

BERQUO, E. S. et al. Reprodução após os 30 anos no estado de São Paulo. **Novos Estudos Cebrap**. n. 100, p. 9-25, nov, 2014.

BIRMAN, Joel. **A evolução da família**. Disponível em <www.institutocpfl.org.br/play/a-evolucao-da-familia-joel-birman>. Acesso em 12 de dezembro.2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. In: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em 12 de dezembro.2018.

DIAS, Berenice. **Manual de direito das famílias**. 8.ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2011.

DOMINGOS, Marina. **Famílias Modernas**. Disponível em <<http://www.12senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/congresso-avalia-projetos-para-atender-familias-modernas/familias-modernas>>. Acesso em 12 de dezembro 2018.

DURHAN, Eunice R. **A caminho da cidade**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1984.

FARO, Julio Pinheiro. PESSANHA, Jackeline Fraga. Uma Teoria sobre o casamento Civil Homoafetivo. **Revista Síntese Direito de Família**, São Paulo, n. 81, p. 82+105, dez-jan, 2014.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: a história da violência nas prisões. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. 1. ed. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XIV, p. 85-119, 1914.

FRIEDAN, Betty. **Mística Feminina**. Petrópolis: Editora Vozes, 1963. Disponível em http://catarinas.info/wp-content/uploads/2016/07/Mistica_feminina.pdf. Acesso em dezembro de 2018.

GOUVEIA, D.C. **A autoridade parental nas famílias reconstituídas**. Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo – SP, 2010.

HINTZ, H. C. Novos tempos, novas famílias? Da modernidade a pós-modernidade. **Revista Pensando Famílias**, Porto Alegre, n.3 ano 2011.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios**, volume 31. 2010, Brasil.

_____. **Censo Demográfico**. Famílias e Domicílios resultados de amostra, Brasil. 2010.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Tradução de Luiz Mario Gazzaneo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

LIMA, Adriana. **Novos arranjos familiares refletem transformação da sociedade brasileira**. Disponível em <<http://www.diariodecanoas.com.br>>. Acesso em 12 de dezembro. 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração e Programa de Ação de Viena (1993)**. Disponível em http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/03/declaracao_viena.pdf. Acesso em dezembro de 2018.

PADILHA, Elisangela. **Novas estruturas familiares**: algumas reflexões. Disponível em <www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=12753>. Acesso em 12 de dezembro. 2018.

PESSOA, Karine. **Amor (in)condicional**: uma análise da relação entre as esferas da família e da religião na aceitação da homossexualidade. Disponível em <<http://www.uenf.br/posgraduacao/sociologia-politica/wp-content/uploads/sites/9/2017/09/Karine-Pessoa.pdf>>. Acesso em 12 de dezembro. 2018.

SAMARA, E.M. **A família Brasileira**. 4ª ed. São Paulo, SP (Brasil): Editora Brasiliense, 1998. 91 p.

SIERRA, V. M. **Família**: teorias e debates. São Paulo: Saraiva, 2011.

STATCAN. **Perfil do Censo, 2016**. Disponível em <https://www150.statcan.gc.ca/n1/en/type/data?MM=1>. Acesso em dezembro de 2018.

SZYMANSKI, H. Viver em família como experiência de cuidado mútuo: desafios de um mundo em mudança. **Revista Serviço Social e Sociedade**. São Paulo, ano 21, n. 71, p. 9-25, set.2002.

WINNICOTT, Donald Woods. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.